

VIANNA, Hermano, *O mistério do samba*. Jorge Zahar Editor/Editora. UFRJ, Rio de Janeiro, 1995, 2ª ed, 196 pp.

O livro do antropólogo Hermano Vianna, "*O mistério do samba*", passa da constatação à elucidação de um mistério: o fato do samba, antes discriminado ter se tornado símbolo da identidade nacional brasileira. "Nenhum autor tenta explicar como se deu essa passagem (o que a maioria faz é apenas constatá-la), de ritmo maldito à música nacional e de certa forma oficial" (p. 29).

Vianna na sua pesquisa, ao penetrar nas regiões "mais esotéricas do mistério do samba", recoloca a questão da identidade e da cultura brasileiras.

O texto é uma versão bastante modificada da tese de doutorado, defendida em 1994, no Programa de Pós-doutorado em Antropologia Social do Museu Nacional da UFRJ. O livro está dividido em oito breves capítulos, escritos numa linguagem precisa e baseados numa ampla e

minuciosa pesquisa. Oferece informações preciosas para se compreender um pouco mais os modos de "ser" e "estar" brasileiro. Traz, ainda, dois anexos reveladores das bases teóricas do autor.

No primeiro capítulo, "O Encontro" (pp. 19-36), descreve o encontro da turma de Gilberto Freyre (elite) com a turma de Pixinguinha (povo), acontecimento em torno do qual construirá o livro.

Ao analisar detalhadamente o processo de transformação do samba de "símbolo étnico" em "símbolo nacional", pretende mostrar que, "... não foi um acontecimento repentino, indo da repressão à louvação em menos de uma década, mas sim o coroamento de uma tradição secular de contatos entre vários grupos sociais na tentativa de investigar a identidade e a cultura popular brasileiras" (p. 34).

Em "Elite Brasileira e música popular" (pp. 37-34) examina as relações entre intelectuais/elite e populares, relações sempre presentes na histó-

ria da música popular graças “à existência de indivíduos que agem como mediadores culturais, e de espaços sociais onde essas mediações culturais são implementadas...” (p 41).

A heterogeneidade da cultura brasileira e do mundo artístico da época favoreceu o surgimento dos mediadores culturais portadores de uma “individualidade singular” (Gilberto Velho) com capacidade de criar relações entre mundos diversos.

Relembra alguns agentes mediadores saídos do mundo musical: Laurindo Rabello, Alexandre Trovador e Catulo da Paixão e do mundo literário: Afonso Arinos.

O título do terceiro capítulo, “A unidade da Pátria” (pp. 55-62), é o mesmo de um importante e esquecido livro de Afonso Arinos, escrito em 1900, para exorcizar o risco de uma regionalização radical. Afonso Arinos liga o interesse pela cultura do povo, especialmente pela música, com o problema político da unidade da pátria.

A questão da unidade territorial, política e cultural “... recebeu respostas e propostas de solução divergentes durante toda a nossa história, alterando momentos de centralização [Independência, Governo de D. Pedro I, Revolução de 30] com outros de descentralização política [Período das Capitânicas, Período Regencial] e apresentando mesmo combinações estranhas das duas tendências antagônicas [Período Republicano]” (p. 53). A tendência centralizadora, unificadora e nacionalizante tornou-se hegemônica, a partir da Revolução de 30.

O livro de Freyre, *Casa Grande e Senzala* que valoriza o mestiço, buscando criar raízes de um novo modelo de autenticidade nacional, está em

sintonia com esses novos tempos revolucionários pós-1930.

Diz Vianna: “não foi escolhido um dos antigos modelos regionais para simbolizar a nação, mas desses modelos foram retirados vários elementos (um traje de baiana aqui, uma batida de samba ali) para compor um todo homogeneizador” (p. 61).

No capítulo quarto, “O Mestiço” (pp. 63-73), o autor explica as relações entre a unidade da pátria e a antiga reflexão sobre o mestiço. A discussão sobre a identidade e sobre a pouca unidade, no final do século XIX, atribuía ao mestiço as razões do nosso atraso. “Foi Gilberto Freyre quem conseguiu executar a façanha teórica de dar um caráter positivo ao mestiço” (p. 63).

A valorização dos aspectos mestiços da civilização brasileira nos estudos e na produção acadêmica, antes de *Casa Grande e Senzala*, recorria à “adoção original” de idéias europeias. O romance *Canã*, de Graça Aranha ilustra bem esta tendência.

Mas, “a tendência de valorizar a mestiçagem é uma opção pela “unidade da pátria” e pela homogeneização, como mostra o debate sobre a imigração no Brasil” (p. 71). A estratégia quase antropofágica de assimilação e miscigenação do migrante; a repressão, respaldada pela legislação, ao separatismo étnico mostrava bem a preocupação do Estado Brasileiro — sem abandonar a tese do branqueamento — com a “integração étnica” (miscigenação).

Assim, ao lado da teoria do branqueamento, a teoria da mestiçagem se fazia presente, também ela de corte homogeneizador, “... mas não havia em seus pressupostos teóricos a afirmação da superioridade da raça

branca que predominaria na "mistura final" (p. 63),

O capítulo quinto, intitulado "Gilberto Freyre" (pp. 75-93), quer mostrar como o orgulho de sermos um país mestiço foi inventado pelo sociólogo pernambucano. A publicação de Casa e Grande Senzala, nos anos 30, transformou-se num marco cultural e numa ruptura que deu ao mestiço e à mestiçagem um novo status social.

Muitos fatores e forças contribuíram para esta inversão valorativa do próprio Gilberto Freyre como da sociedade brasileira: os estudos antropológicos, o convívio com Boas, o antigo interesse de Freyre pela cultura popular, o interesse de outros intelectuais brasileiros e a enorme expectativa da sociedade.

Freyre ao valorizar o popular, ao elogiar o "Brasil básico", não condena o "cosmopolitismo" e o "modernismo". Na sua complexa visão, o mestiço é capaz de viver com o não homogêneo, capaz de incluir o indefinido em nossa definição de identidade. Por isso, reage contra a presença de migrantes que não querem se misturar, contra a reeuropeização das elites que ameaça o processo de miscigenação.

"A dissolução no arco-íris de todas as raças não significa o apagar das diferenças mas sim o convívio, sem separação, entre diferenças com infinitas possibilidades de combinações entre elas". (pp. 95-107) Com a dissolução perpetua-se a diferença. Estaria o samba, inaugurando uma nova forma de permanência?

No capítulo sexto, "O samba moderno" (pp. 95-107), o autor pergunta pelo papel do modernista Blaise Cendrars neste despertar do gosto pelas "coisas brasileiras".

Em 1924, ao chegar ao Brasil, Blaise Cendrars agiu como "cristalizador e catalisador" de tendências já presentes na sociedade brasileira, ajudando os modernistas brasileiros a trocar "o puro vanguardismo internacional" pelo gosto das "coisas brasileiras".

Entre os anos 10 e 30, a cultura popular brasileira viveu, um "... fenômeno típico de transculturação que gerou muitas redefinições de identidade para vários grupos sociais, tanto na Europa quanto no Brasil" (p. 104). A mistura era a característica fundamental desta cultura definida e fabricada no vai e vem interatlântico.

No campo da música popular brasileira predominava a seguinte orientação: a inspiração verdadeira deveria vir sempre do folclore.

Como o samba carioca virou moda, música nacional é a questão estudada no capítulo sétimo, "O samba da minha terra" (pp. 109-127).

Nos anos 30, graças à presença do rádio, das gravadoras, do interesse político e dos mediadores transculturais, o samba começava a consolidar-se como estilo musical distinto, como música nacional transformando-se em símbolo de nacionalidade. Na verdade, "o samba, naquela época, não era visto como propriedade de um grupo étnico ou de uma classe social, mas começava a atuar como uma espécie de denominador comum musical entre vários grupos, o que facilitou sua ascensão ao status de música nacional" (p. 120).

No momento em que o samba vai ganhando status de música nacional e se formam as primeiras escolas de samba, a questão da "autenticidade"

é recolocada de maneira incisiva. A "autenticidade" conquista o apoio oficial dos governos de Getúlio Vargas (Era Vargas), pois, "a vitória do samba era também a vitória de um projeto de nacionalização e modernização da sociedade brasileira" (p. 127). O Brasil saiu do Estado Novo, entre outras coisas com um ritmo nacional.

No capítulo oitavo, "Lugar Nenhum" (pp. 129-144), Vianna retoma a questão da autenticidade do samba ameaçada pela descaracterização. Ilustra o tema com os debates que envolveram a defesa do samba ou da "verdadeira" música brasileira: a denúncia de "americanização" de Carmen Miranda; o debate em torno da Bossa Nova, que rompia definitivamente com a herança do samba popular; as discussões em torno do rock brasileiro, chamado de "produto artificial"; as questões referentes à música popular da Bahia dos anos 80, principalmente a música dos trios elétricos e dos blocos afros (Olodum, Muzenza, Ara Ketu e Ilê Aiyê) e, finalmente, o rock dos anos 90 que mistura estilos internacionais com "tradição musical brasileira".

A questão da autenticidade ou da identidade nacional não tem sido a preocupação hegemônica no processo de inovação da música brasileira. "Será que isso significa também o fim do "paradigma mestiço", daquela identidade nacional produzida com tanto cuidado e esforço por tantos grupos interessados nas "coisas brasileiras"? O que ainda pode assegurar a unidade (mesmo que seja apenas musical) da pátria?" (p. 144).

Freyre, com seu "projeto" mestiço, sentia-se guardião desta peculiar homogeneidade cultural brasileira, na qual "o indefinido, o intermediário, seria sempre o melhor caminho" (p. 148). Posição vista com desconfi-

ança, uma vez que a mestiçagem implica alguma forma de homogeneização, potencialmente geradora de um processo de extinção das diferenças.

Para Vianna, "Gilberto Freyre teme a tendência exclusivista da heterogeneidade e acaba correndo o risco de inventar uma homogeneidade (elogiada, não paradoxalmente, por ser aberta e indefinida, podendo abarcar qualquer diferença), também exclusivista" (p. 151).

Para fundamentar esta afirmação, retoma os pontos básicos da análise da invenção do samba como música nacional e estabelece uma analogia com a invenção da "nacionalidade" fundada no orgulho de ser mestiço.

Importante notar que este processo de homogeneização mestiça, resultante de negociações transculturais não é incompatível com a natureza da complexa sociedade brasileira, mas pode desembocar em perigosas pretensões universalizantes e ortodoxas excluindo a diversidade. "Na cartilha dessa ortodoxia, o samba nacional produto do relacionamento de diferentes grupos sociais acabou se transformando em agente "colonizador" interno, em regra de boa conduta, em possibilidade única de ser brasileiro. O indefinido tornou-se a regra da definição" (p. 158).

Apesar de todos os problemas, o samba, para Vianna, continua ser "a melhor descoberta já feita por brasileiros" (p. 158).

Dois anexos complementam o texto. No primeiro, são aprofundados os conceitos: nacional, popular, transcultural e etnomusicologia e no segundo, é feita uma breve comparação entre as relações elite/cultura popular no Brasil e nos Estados Unidos.

**Mistério do samba** concilia rigor da análise com o prazer da leitura. O leitor interessado em refletir sobre as questões que envolvem a "identidade brasileira" terá no livro múltiplas opções. "Este livro, [diz Vianna] pode ser visto como uma tentativa de mostrar que o transculturalismo também é útil para ajudar a compreender a invenção da homogeneidade" (p. 174).

Além de introduzir-nos na história da música popular brasileira, Hermano Vianna conduz-nos a uma compreensão mais lúcida das relações interétnicas de ontem e de hoje. As relações étnicas são complexas e por isso mesmo não podem ser enquadradas numa relação de dominação / resistência. Há um convite, implícito no texto, a buscarmos uma maneira nova de lidar com a

heterogeneidade étnica e com as relações erudito-popular.

A busca da "identidade" é, sempre, uma tarefa arriscada, pois, pode terminar na confecção de uma fantasia ou aproximar-nos mais de um "nós" brasileiro.

A leitura do livro poderia começar pela conclusão (Conclusões) e pelos dois Anexos, isto permitiria uma recepção mais analítica do texto. Vale, ainda, lembrar uma outra qualidade do texto, o seu alto valor documental.

*Ênio José da Costa Brito*